



Gokula Stoffel, Impulso, 2026 [detalhe]

Impulso

Paula Plee

Durante a pesquisa para a Piscina #2, **impulso** surgiu como uma alternativa semântica para uma palavra que me vinha recorrentemente à mente: desejo. Livre de determinadas conotações, impulso parecia dar conta das nuances que a temática pode abarcar, encarando o desejo e o erótico como forças propulsoras.

A exposição que acompanha e celebra o lançamento da Piscina #2 busca, assim como a publicação, reunir trabalhos que podem ser lidos de diferentes perspectivas, considerando o impulso

piscina

criação, retirando da inércia
e conectando ao que é vivo
e transformador. Assim,
Impulso apresenta dois
recortes de trabalhos de
artistas presentes na edição
e, embora algumas das
obras integrem também a
publicação – como é o caso
dos trabalhos de Mariana
Guardani, Marina
Schroeder, Nathalie Ventura,
Gokula Stoffel e Rafaela Foz
–, a seleção se organiza em
dois núcleos distintos.

Na primeira sala expositiva,
estão reunidos trabalhos que
dialogam com a ideia do
impulso de vida: a força das
águas e dos ventos, o
germinar, a multiplicação
celular que origina seres
humanos e não humanos, o
movimento das raízes que se
expandem em busca de
nutrição, enquanto suas
extremidades acima do solo
se direcionam à luz, e os
fluxos de energia propícios
aos ecossistemas que geram
e resguardam vidas. Esse
movimento incessante dos
ciclos e dos tempos nos
oferece evidências
constantes de que nada
permanece, mas tudo vibra.

piscina

que se apresenta *Impulso*, de **Gokula Stoffel**, obra que abre tanto a mostra quanto a publicação. Um corpo aparentemente vegetal se agita e se destaca em meio à relva, movida pela força do vento. Esse corpo parece se inclinar em direção a uma luz solar que não vemos na representação. Seu núcleo, em um alaranjado vibrante, com elementos que evocam tentáculos ou raios luminosos, faz desse corpo vegetal quase um doppelgänger do corpo celeste presente em outra tela, *Espreguiçar*. Nela, vemos um corpo de luz expandir seus raios, sugerindo um alongamento ao surgir no horizonte e anunciar aos seres terrestres que as manhãs estão prenhes de possibilidades, convidando a mais um recomeço.

Em oposição ao movimento presente em várias das obras da seleção, as telas de **Gabriella Barbosa** podem remeter ao instante congelado de um frame, no qual se encontram pausadas imagens aproximadas de elementos cotidianos, ora reconhecíveis ora no limiar

piscina

chama de "mistério e erotismo das imagens". Com a aura de um vídeo interrompido em detalhe, suas pinturas evocam a efemeridade da vida e momentos em suspensão.

Os elementos orgânicos, de contornos etéreos, presentes nas pinturas de **Amanda Fahur** aludem a estruturas celulares e à sua multiplicação no surgimento e continuidade da vida. Indistintos, esses elementos se conectam e se separam, formando quadrantes, linhas e correntes que parecem pulsar a energia da gênese. Essa abstração biomórfica está também presente nas esculturas em cerâmica de **Anália Moraes**. Em seus processos, nos quais combina materiais orgânicos, como argila e pigmentos naturais, a materiais sintéticos, como vidro reciclado, resinas e silicones, Anália parece criar ecossistemas e seres imaginários que se assemelham a estruturas e formações encontradas na natureza. Os trabalhos da série *Paisagens sensíveis* parecem congelar, como em um registro fotográfico, um

piscina

profundezas.

*Contempla à margem do mangue, P4, de **Maria Antonia**, se aproxima das Paisagens sensíveis de Anália não apenas pela referência a um terreno lodoso e alagadiço, típico do ecossistema do mangue, mas também pelos procedimentos de subtração de matéria – seja argila ou tinta – e pela invenção de uma cosmogonia própria, que abarca as dicotomias entre natural e artificial na composição formal das obras. Parte da série *Carne da Terra*, o trabalho se origina, segundo a artista, a partir de uma “confluência entre corpo, matéria e ciclos naturais” que visa responder “às urgências de um mundo em colapso”. A tridimensionalização da pintura, proposta pela artista com alfinetes, faz com que a composição se altere de acordo com o ponto de vista do observador.*

Ao aludir a fluxos e dinâmicas da natureza, *Oásis, de **Natalie Braidó**, pode remeter à neblina, ao ciclo das águas e a emanações terrestres, como*

piscina

também a palavra inscrita
nas espumas florais que
formam a volumetria
esverdeada de onde flui o
vapor. Contraponto entre
natural e artificial, a espuma
floral, embebida em água,
prolonga a vida de flores já
mortas. Trata-se de um
"oásis" que nos lembra das
circunstâncias emergenciais
em que nos situamos hoje,
talvez apenas um
prolongamento da vida
diante de um fim iminente.

*"A natureza sabe como usar
seus colapsos para produzir
uma vivacidade sem
precedentes: as árvores
resgatam do trauma o seu
vigor, e o ecossistema,
ferido, se chacoalha para
redistribuir possibilidades de
variadas intensidades",
escreveu Glissant. [1]*

A passagem se relaciona
com *Tudo aquilo que retorna*
com *ímpeto*, de Rafaela Foz,
que interrompe o espaço
expositivo com uma
avalanche de pedras. Em seu
trabalho, a artista investiga
os limiares entre aparência e
materialidade, entre peso e
leveza, articulando questões
presentes em ambos os
núcleos da mostra. A

piscina

colapsos, dos rompimentos,
das correntezas e das
avalanches nos lembra de
nossa impermanência. Do
mesmo modo, o trabalho
pode remeter a barricadas e
ao que pode ser construído
através do impulso coletivo.

Em o *que resta*, da série do
que já existe, de **Marina
Schroeder**, vemos a
reprodução fotográfica de
uma pedra cuja escala não
identificamos de imediato,
pode se tratar de um
fragmento aproximado ou
de uma pedra grande o
bastante para iniciar um
tumulto, já que uma pedra
pode também carregar um
gesto de desobediência,
propulsor de um processo de
revolta. O título sugere que o
que vemos é um vestígio de
ruína, algo que já foi uma
totalidade mas que, como
tudo o que é sólido, pode vir
a se desmanchar.

Nesse sentido, *Estudo para
um cadeiraço #3*, de
Andréa Hygino, traz a
representação de um
amontado de cadeiras
escolares. Característicos de
greves estudantis, os
cadeiraços são feitos pelos
estudantes para barrar

piscina

professores e,
consequentemente, a
realização das aulas. O
trabalho de Hygino está
profundamente relacionado
à sua prática como docente,
explorando questões ligadas
à educação e ao ensino
público no Brasil,
atravessadas por temas
como comportamento e
desobediência escolar e
civil.

Os trabalhos presentes na
segunda sala expositiva se
concentram em noções de
acúmulo e repetição e do
impulso como afeto e força
propulsora de mudanças. Tal
qual Sísifo, vivemos imersos
na repetição da soma dos
dias, na qual a inércia é um
produto previsível da
existência. Para Camus [2], o
absurdo da existência reside
em nosso ímpeto de buscar
sentido e não encontrar
respostas, pois o mundo
segue indiferente à nossa
busca por significado.

A repetição existencial e a
falta de sentido encontram
eco nos dispositivos de
Gabriela Mureb. Em
máquina #4: pedra
(*manivela*), um pino empurra
constantemente uma pedra,

piscina

apenas movimento, mas
também um ruído ritmado e
recorrente que, como o tic-
tac de um relógio, parece
contar os segundos que se
esvaem, um a um.

Já em *Campo em vertigem*,
trabalho em vídeo de
Rafaela Foz, assistimos ao
impacto resultante do
encontro entre dois volumes
aparentemente semelhantes
que, ao se chocarem,
revelam sua natureza,
questionando a percepção
de que, por vezes, aquilo
que parece ser não é.

Esse encontro formal de
elementos verticais também
está presente no trabalho de
Nathalie Ventura. Em uma
obra da série *Antes da
calmaria*, nos deparamos
com o que pode ser uma
paisagem em tempestade ou
envolta pela névoa das
cinzas de um vulcão, um
colapso da natureza iniciado
por uma explosão. O que
vemos é, na verdade, uma
gravura feita com carvão,
em que a artista posiciona o
mineral sobre o papel e, sob
uma prensa, imprime
paisagens imaginárias
carregadas de uma energia
intempestiva.

piscina

pedra, pedra, pedra, de
Mariana Guardani. A obra, que carrega a repetição e o acúmulo também no título, foi produzida a partir da leitura de *A pedra da loucura*, de Benjamín Labatut e se origina a partir de tentativas contínuas de representar uma "pedra ideal", porém, ao sobrepor essas sucessivas tentativas na parede do ateliê, a artista se deu conta de que não encontraria uma representação ideal do elemento e que o próprio acúmulo dessas imagens sobrepostas era o que estava buscando.

Outro trabalho de **Hygino** presente na exposição faz parte da série *Prova de estado*, na qual a artista realiza impressões – xilogravuras – de tampos de carteiras escolares, reproduzindo vestígios deixados ao longo do tempo pelos estudantes, indícios de seus estados de espírito e afetos no momento em que fizeram esses registros.

Fechadura I; to love from abroad, de **Maria Antonia**, também trata de afetos. Segundo a artista, os

piscina

experiência de “amar à distância” e buscam aproximar esse sentimento por meio da fisicalidade e da gestualidade da pintura. Muitas das obras se baseiam em capturas de webcam que, congeladas e em baixa resolução, se aproximam da abstração. Já em *Lyn*, a pintura em pequeno formato resulta do gesto de retalhar e desfigurar trabalhos anteriores, transformando-os em composições que buscam a abstração por meio da fragmentação.

O gesto também é central no trabalho de **Renata Haar**. Em *Midday Mayday*, título que evoca simultaneamente um estado de emergência, a iminência de um encerramento e a celebração, a artista emprega a marouflagem – técnica de fixação de uma tela ou desenho a uma parede por meio de um material adesivo que endurece ao secar – utilizando papel japonês esticado sobre tela com cola de pele de coelho. O colágeno presente nessa cola, conta a artista, “confere uma resistência e intensifica o atrito necessário

piscina

esses trabalhos tensionam os limites entre desenho, pintura e escultura e são produzidos após períodos de meditação e observação da natureza, desenvolvendo-se em gestos rápidos e instintivos, realizados quase em transe, não com o intuito de representar, mas de traduzir uma visão inspiradora.

Já *Life Flickers*, instalado na área externa, consiste em um bloco de granito preto cuja forma original é preservada. Em vez de impor uma nova configuração ao material, **Renata Haar** realiza incisões sutis e repetidas em sua superfície, em um procedimento que se aproxima mais do desenho do que da escultura, resultado de uma relação de longa duração entre artista e matéria. A obra convida à aproximação atenta para distinguir aquilo que resulta da ação do tempo daquilo que foi inscrito pela artista.

Entre repetições, interrupções abruptas e vigiados pelo passar do tempo, seguimos rolando nossas pedras morro acima, cientes de que elas retornarão ao ponto de partida. Nos resta, então,

piscina

desmorrar das pedras em
uma avalanche, inevitável e
irremediável. Para Camus,
ao descer ao encontro da
pedra, Sísifo está ciente da
inutilidade de sua tarefa e é,
portanto, dono do próprio
destino. "A própria luta para
chegar ao topo é suficiente
para encher o coração de
um homem. É preciso
imaginar Sísifo feliz." [3]

1. Édouard Glissant;
Patrick Chamoiseau;
Hans Ulrich Obrist,
*Conversas do
arquipélago*, posfácio,
p. 148, Rio de Janeiro:
Cobogó, 2023.
2. Albert Camus, *O mito
de Sísifo*, trad. Ari
Roitman e Paulina
Watch (Rio de Janeiro:
Record, 2018), p.
137–141.
3. *Ibid.*, p. 141.

piscina

contato

Piscina © 2026